

Internacionalização e formação de sujeitos na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica: uma análise dialógica de uma experiência de mobilidade

Resumo

Este artigo analisa os discursos de internacionalização da educação no âmbito da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, com o objetivo de compreender como se produzem sentidos sobre a formação de sujeitos a partir de experiências de mobilidade acadêmica internacional. Ancorado no materialismo histórico-dialético e na análise dialógica do discurso, o estudo toma como corpus a narrativa de uma estudante brasileira em mobilidade acadêmica em Portugal, publicada na coletânea *Vozes da Internacionalização*. A análise mostra que a internacionalização se configura como um espaço atravessado por tensões, no qual se articulam vozes institucionais, culturais e sociais que produzem distintos modos de significar a experiência. Esses sentidos tanto se alinham a perspectivas hegemônicas (associadas à mobilidade, ao prestígio acadêmico e à centralidade do Norte Global e à adaptação às dinâmicas do capitalismo global) quanto são tensionados quando emergem as condições materiais, as assimetrias e as contradições que estruturam tais experiências. Os resultados indicam que a mobilidade internacional envolve processos de reposicionamento dos sujeitos diante de si, do outro e de seu contexto de origem. Tais processos podem produzir formação crítica quando possibilitam o reconhecimento das determinações históricas e sociais que atravessam a experiência e tensionam sentidos hegemônicos. Contudo, esses deslocamentos não se realizam de forma linear, coexistindo com movimentos de reprodução de sentidos estabilizados. Como contribuição, o artigo evidencia a potência da Análise Dialógica do Discurso para a compreensão da internacionalização como fenômeno discursivo e social, destacando sua relevância para a análise da produção de sentidos e da formação dos sujeitos.

Palavras-chave: internacionalização da educação; formação crítica; Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica; análise dialógica do discurso; mobilidade acadêmica internacional.

Para citar este artigo:

SILVA, Maria Carolina Bello Cavalcanti da; SILVA, Katharine Ninive Pinto. Internacionalização e formação de sujeitos na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica: uma análise dialógica de uma experiência de mobilidade. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 27, n. 64, p. 433-452, maio/ago. 2026.

DOI: 10.5965/1984723827642026433

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723827642026433>

**Maria Carolina Bello
Cavalcanti da Silva**

Universidade Federal de
Pernambuco – UFPE – Recife/PE –
Brasil
carolbello@recife.ifpe.edu.br

Katharine Ninive Pinto Silva

Universidade Federal de
Pernambuco – UFPE – Recife/PE –
Brasil
katharine.silva@ufpe.br

Internationalization and Subject Formation in Brazil's Federal Network of Professional, Scientific and Technological Education: a Dialogical Analysis of a Mobility Experience

Abstract

This article analyzes discourses on the internationalization of education within Brazil's Federal Network of Professional, Scientific and Technological Education, aiming to understand how meanings about subject formation are produced through experiences of international academic mobility. Grounded in historical-dialectical materialism and Dialogical Discourse Analysis, the study takes as its corpus the narrative of a Brazilian student participating in an academic exchange program in Portugal, published in the collection *Voices of Internationalization*. The analysis shows that internationalization is configured as a space marked by tensions, in which institutional, cultural, and social voices intersect to produce different ways of signifying the experience. These meanings may align with hegemonic perspectives (associated with academic prestige, the centrality of the Global North and adaptation to the dynamics of global capitalism) or be challenged when the material conditions, asymmetries, and contradictions that structure such experiences become visible. The findings indicate that international mobility cannot be reduced to geographical displacement, but involves processes of repositioning in relation to oneself, others, and one's context of origin. These processes may foster critical formation when they enable recognition of the historical and social determinations that shape the experience and challenge hegemonic meanings. However, such shifts do not occur linearly, coexisting with movements that reproduce stabilized meanings. As a contribution, the article highlights the potential of Dialogical Discourse Analysis for understanding internationalization as a discursive and social phenomenon, emphasizing its relevance for analyzing processes of meaning production and subject formation.

Keywords: internationalization of education; critical formation; Federal Network of Professional, Scientific and Technological Education; dialogical discourse analysis; international academic mobility.

Internacionalización y formación de sujetos en la Red Federal de Educación Profesional, Científica y Tecnológica de Brasil: un análisis dialógico de una experiencia de movilidad

Resumen

Este artículo analiza los discursos de internacionalización de la educación en el ámbito de la Red Federal de Educación Profesional, Científica y Tecnológica de Brasil, con el objetivo de comprender cómo se producen sentidos sobre la formación de sujetos a partir de experiencias de movilidad académica internacional. Fundamentado en el materialismo histórico-dialéctico y en el Análisis Dialógico del Discurso, el estudio toma como corpus la narrativa de una estudiante brasileña en movilidad académica en Portugal, publicada en la colección *Voces de la Internacionalización*. El análisis muestra que la internacionalización se configura como un espacio atravesado por tensiones, en el que se articulan voces institucionales, culturales y sociales que producen distintos modos de significar la experiencia. Estos sentidos pueden alinearse con perspectivas hegemónicas (asociadas al prestigio académico, a la centralidad del Norte Global y la adaptación a las dinámicas del capitalismo global) o ser tensionados cuando emergen las condiciones materiales, las asimetrías y las contradicciones que atraviesan dichas experiencias. Los resultados indican que la movilidad internacional implica procesos de reposicionamiento de los sujetos frente a sí mismos, al otro y a su contexto de origen. Estos procesos pueden generar formación crítica cuando posibilitan el reconocimiento de las determinaciones históricas y sociales que atraviesan la experiencia y tensionan sentidos hegemónicos. Sin embargo, tales desplazamientos no se producen de manera lineal, coexistiendo con movimientos de reproducción de sentidos estabilizados.

Palabras clave: internacionalización de la educación; formación crítica; Red Federal de Educación Profesional, Científica y Tecnológica; análisis dialógico del discurso; movilidad académica.

Este artigo integra a pesquisa de doutorado em andamento intitulada *Internacionalização e formação de sujeitos na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica: uma análise dialógica do circuito discursivo e de suas tensões entre racionalidades neoliberais e perspectivas críticas*. A investigação emerge da necessidade de problematizar o papel da cooperação educacional internacional em um contexto marcado por processos complexos de globalização e por suas implicações para a educação (Gallo; Carvalho, 2023; Lippold; Faustino, 2022; Rosa; Rodrigues; Abreu, 2022; Kwet, 2021). Parte-se da compreensão de que a educação não pode ser analisada como um sistema isolado, mas como parte de uma totalidade social mais ampla, na qual forças globais e locais se entrelaçam (Dale, 2004).

Para Roger Dale (2004), as noções de globalização e de educação no contexto global são determinantes, uma vez que, segundo ele, não se pode descrever e analisar uma política educacional sem a compreensão da lógica global do sistema de produção vigente. Para Souza (2016, p. 465), a complexidade desse quadro “coloca os estados nacionais em outra dimensão na definição dos rumos que desejam tomar, na medida em que os aspectos típicos da cultura e da história nacional (ou local) passam a disputar espaço com tópicos advindos da necessidade de integração global”. A incorporação dessa agenda global pelos sistemas educacionais nacionais não se dá de forma homogênea, mas por meio de processos marcados por negociações, reconfigurações e conflitos de sentido, nos quais diferentes projetos de educação e processos de subjetivação entram em tensão.

Considerando esse cenário, a internacionalização da educação configura-se como uma prática social e política marcada por tensões nos sentidos que produz, incidindo sobre as práticas pedagógicas, curriculares e sobre os modos de constituição dos sujeitos. Frequentemente apresentada como estratégia de articulação entre o global e o local, a internacionalização pode operar tanto na manutenção das assimetrias de poder existentes no capitalismo contemporâneo – especialmente aquelas relacionadas à divisão internacional do trabalho e à produção desigual do conhecimento – quanto na abertura de possibilidades de resistência e emancipação dos sujeitos.

A centralidade da internacionalização nas políticas educacionais contemporâneas pode ser observada em um conjunto de marcos normativos e programas que orientam a educação brasileira, evidenciando sua institucionalização como estratégia de formação

em contextos globalizados. Entre esses dispositivos, destacam-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), o Plano Nacional de Educação (Brasil, 2014a), programas como Ciência sem Fronteiras (Brasil, 2011), Idiomas sem Fronteiras (Brasil, 2014b), CAPES-PrInt (Brasil, 2017), Programa de Estudantes-Convênio (Brasil, 2024) e CAPES-Global (Brasil, 2025) que consolidam a internacionalização como eixo estruturante das políticas educacionais voltadas à inserção em cenários globais.

A incorporação desses dispositivos, no entanto, não se dá de forma neutra, mas se inscreve em disputas entre diferentes racionalidades, vinculadas a projetos societários em conflito, particularmente entre a reprodução das formas de sociabilidade do capital e perspectivas voltadas à sua crítica e superação. A partir disso, os modos de formação dos sujeitos, ora enfatizam a adaptação às dinâmicas do mercado global, ora abrem possibilidades para uma formação crítica voltada à compreensão e transformação dessas mesmas dinâmicas.

A experiência internacional promovida pelas instituições de ensino, através da mobilidade acadêmica ou de ações de internacionalização em casa, tem sido frequentemente apresentada, nos discursos institucionais, como vetor de qualidade, inovação e desenvolvimento. Entretanto, essa forma de apresentação tende a obscurecer as contradições que atravessam tais experiências. De acordo com Dale (2004), isso ocorre especialmente quando a internacionalização é mobilizada como estratégia alinhada a agendas neoliberais no campo educacional, orientadas por valores como competitividade, desempenho e adaptação ao mercado global.

Nesse sentido, analisar a internacionalização a partir das experiências vividas pelos sujeitos – e dos sentidos por eles produzidos – permite problematizar essas narrativas dominantes, evidenciando as tensões entre discursos que reforçam tais lógicas e aqueles que apontam para possibilidades de deslocamento, crítica e reconfiguração de sentidos.

Diante disso, torna-se necessário tensionar a perspectiva dominante que apresenta a internacionalização como vetor homogêneo de qualidade e desenvolvimento, compreendendo-a como espaço de produção de posicionamento dos sujeitos. Nesse sentido, este artigo investiga a internacionalização a partir da análise da narrativa de uma estudante da Rede Federal em mobilidade acadêmica em Portugal, buscando compreender como, nesse enunciado, se produzem sentidos sobre a formação dos sujeitos e se configuram tensões entre diferentes projetos formativos.

Fiorentini (2022), com base em Marx e Engels, afirma que a emancipação social depende das relações historicamente estabelecidas nos diversos âmbitos da vida social, inclusive na educação, e de como elas incidem sobre a reprodução ou a contestação do sistema hegemônico internacional. Nessa direção, torna-se necessário compreender a internacionalização da educação para além da ampliação de fronteiras institucionais ou da mobilidade acadêmica (Woldegiorgis, 2024), tomando-a como um campo de disputas no qual se confrontam interesses econômicos, políticos, epistêmicos e pedagógicos.

Nessa perspectiva, a internacionalização da educação é compreendida como uma diretriz que orienta decisões institucionais e se materializa em políticas, programas, projetos e ações voltados ao diálogo internacional e intercultural. Mais do que o conjunto de iniciativas voltadas à ampliação de fronteiras institucionais, a internacionalização configura-se como um espaço de produção de sentidos sobre a formação dos sujeitos, no qual se confrontam diferentes projetos formativos e distintas racionalidades. Assim, seu caráter formativo não pode ser tomado como dado, mas deve ser analisado a partir das tensões que atravessam sua constituição, considerando tanto as possibilidades de reprodução de lógicas hegemônicas quanto a emergência de perspectivas críticas e emancipatórias.

Diante desse quadro, este artigo tem como objetivo analisar em que medida e sob quais condições a experiência de internacionalização, tal como narrada por uma estudante da Rede Federal em mobilidade acadêmica em Portugal, pode ser compreendida como espaço de formação crítica. Neste estudo, entende-se por formação crítica um processo educativo destinado a formar sujeitos aptos a perceberem sua condição histórica, a questionarem as relações de poder que organizam o mundo social e a tomarem posição diante dessas relações.

Para dar conta desse objetivo, analisa-se, como corpus discursivo, a narrativa de uma estudante publicada no e-book *Vozes da Internacionalização: narrativas de estudantes e servidores da Educação Profissional, Científica e Tecnológica* (Conif, 2023), compreendida como parte de um conjunto mais amplo de enunciados que circulam no contexto da internacionalização da Rede Federal. A análise busca identificar as vozes em disputa nesse enunciado, apresentando as tensões entre discursos que reforçam lógicas hegemônicas e aqueles que apontam para possibilidades de deslocamento e reconfiguração de sentidos nos modos de posicionamento dos sujeitos. Além desta

introdução, o artigo organiza-se em três seções: a primeira discute a agenda da educação em um mundo globalizado; a segunda apresenta a perspectiva teórico-metodológica adotada; e a terceira dedica-se à análise do corpus, seguida das considerações finais.

Agenda da educação num mundo globalizado

A cooperação educacional internacional tem se intensificado em meio a um cenário marcado pela complexidade dos fluxos de globalização e suas múltiplas implicações para os sistemas educativos. No entanto, tal intensificação não pode ser compreendida como um movimento homogêneo ou linear, uma vez que se inscreve em conjunturas históricas atravessadas por disputas de poder, reconfigurações geopolíticas e aprofundamento das desigualdades globais. Nesse contexto, a globalização não se apresenta como um fenômeno unívoco, mas como um campo de forças no qual diferentes projetos de sociedade e de educação se reconfiguram em mecanismos diferenciados.

Segundo Roger Dale (2004), a globalização, no campo educacional, pode ser compreendida como um conjunto de forças supra e transnacionais que moldam políticas e práticas educativas nacionais, influenciando-as não apenas por meio de atividades econômicas, mas também por fatores políticos e culturais. Nesse sentido, o autor argumenta que a globalização opera como um aparato político-econômico voltado à organização da economia global, guiado prioritariamente pela necessidade de preservação do sistema capitalista, o que implica a reorganização permanente das relações de produção e a adequação dos sistemas educativos às demandas de acumulação. Como assinala (2004, p. 436), “a adesão aos seus princípios é veiculada através de pressão econômica e da percepção do interesse nacional próprio”, revelando que os Estados-nação são interpelados por dinâmicas que extrapolam suas fronteiras e condicionam suas decisões políticas.

É nesse horizonte que se insere a noção de Agenda Globalmente Estruturada para a Educação (AGEE), formulada pelo autor como um conjunto sistemático de questões e orientações direcionadas aos Estados-nações a partir de sua inserção no cenário global. Fundamentada na economia política internacional, a AGEE busca demonstrar como transformações econômicas globais incidem sobre os sistemas educativos nacionais,

configurando uma forma de força supranacional que interfere e condiciona as políticas educacionais.

Análises mais recentes, no entanto, apontam que essa agenda não opera apenas como um conjunto difuso de influências, mas se materializa por meio da atuação concreta de organismos multilaterais e de dispositivos de regulação que passam a orientar a formulação de políticas educacionais, especialmente em países periféricos. Nesse sentido, a atuação da UNESCO mostra como categorias como “qualidade da educação” e “avaliação” são mobilizadas na construção de agendas educacionais globais, frequentemente associadas à formação de capital humano, entendida como estratégia de adequação da força de trabalho às exigências da acumulação capitalista em escala global, e à inserção desses países na divisão internacional do trabalho (Santana; Zanardini, 2023).

Esse processo implica a incorporação, pelos sistemas educacionais nacionais, de orientações que dialogam com demandas globais, tensionando os modos de organização das políticas educacionais e os próprios sentidos atribuídos à educação nesses contextos (Souza, 2016). No entanto, essas dinâmicas não se limitam ao plano das políticas, mas também se articulam a transformações mais amplas nas formas de produção e circulação do conhecimento, especialmente mediadas pelas tecnologias digitais.

Para Lippold e Faustino (2022), o fenômeno da globalização instrumentaliza o desenvolvimento tecnológico para redefinir a arena de luta de classes mundial, marcada pela intensificação de processos de reificação e pela ampliação das formas de controle e exploração mediadas por tais recursos. Assim, mais do que um movimento de convergência, a articulação entre globalização e educação revela-se como um processo atravessado por conflitos de sentido que incidem sobre a formulação de políticas, a organização dos sistemas educativos e a circulação de saberes. Esse processo pode ser compreendido como parte das novas formas de acumulação, nas quais a produção e circulação do conhecimento assumem papel central, reforçando desigualdades estruturais entre centro e periferia.

Sob essa ótica, interessa compreender como tais disputas se materializam nos discursos que circulam sobre a internacionalização da educação, deslocando a análise do plano estrutural para o plano dos enunciados concretos e dos sentidos produzidos nesse contexto. Tal perspectiva fundamenta a análise proposta neste artigo, voltada à

compreensão das formas pelas quais a internacionalização é significada no âmbito da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica.

Dentro dessa lógica, a internacionalização pode ser compreendida como uma dimensão articulada aos processos de globalização, sendo atravessada por relações assimétricas de poder que marcam a produção e a circulação do conhecimento em escala global. Como destacam Tauchen; Teran Briceño; Simões Borges (2023), o Norte Global concentra maior prestígio, capital cultural e recursos na estratificação da educação superior, o que incide diretamente sobre as formas pelas quais a internacionalização é concebida e operacionalizada.

Nesse âmbito, Abreu, Júnior e Moraes (2024) argumentam que a internacionalização das políticas educacionais se configura, em termos gerais, como um processo de circulação de políticas globais, promovidas por organismos internacionais que difundem orientações e padrões a serem incorporados pelos sistemas educacionais. Tal movimento expressa a articulação entre internacionalização e dinâmicas mais amplas de regulação da educação em contextos globalizados.

A partir de uma perspectiva crítica, é possível compreender essas dinâmicas como parte de processos mais amplos de dominação que se realizam não apenas por coerção direta, mas também por meio de mecanismos como o colonialismo cultural, a atuação de organismos internacionais e a indução de agendas alinhadas a interesses hegemônicos. A esse respeito, a racionalidade neoliberal (Dardot; Laval, 2016) tem incidido sobre as políticas educacionais contemporâneas, encontrando na internacionalização um espaço privilegiado de difusão e materialização (Abreu; Júnior; Moraes, 2024).

Como sintetizam Rosa, Rodrigues e Abreu (2022, p. 64), trata-se de “um processo imerso em uma totalidade complexa”, no qual a internacionalização da educação superior tende a ser orientada, em certa medida, por organismos internacionais no sentido de produzir resultados alinhados às demandas do mercado, incidindo sobre a organização curricular e sobre a formação de professores.

A escolha pela Análise Dialógica do Discurso

No movimento investigativo aqui empreendido, adota-se a Análise Dialógica do Discurso (ADD) como perspectiva teórico-metodológica, partindo do pressuposto de que os sentidos da internacionalização da educação não são fixos, mas se constituem nas relações dialógicas entre sujeitos, discursos e contextos. Ancorada nos estudos do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2016; Volóchinov, 2018), e em interlocuções contemporâneas como o trabalho de Beth Brait (2016), a ADD é assumida como uma perspectiva teórico-analítica que orienta o olhar investigativo sobre a linguagem em uso, tomando o enunciado como unidade concreta e a interação social como condição de produção de sentidos.

Ao tratarmos da internacionalização da educação, a entendemos como um fenômeno simultaneamente social e enunciativo que incide diretamente sobre a configuração dos sujeitos. Nesta perspectiva, o discurso não é concebido como estrutura abstrata ou sistema, mas como enunciado concreto, situado histórica e socialmente, inseparável das condições de sua produção e circulação.

Ao interpretar a internacionalização como fenômeno discursivo, recorre-se à noção de Volóchinov (2018) sobre a natureza constitutivamente ideológica da linguagem e sua carga de valores na produção de sentidos. Nessa direção, a abordagem dialógica permite problematizar os enunciados como formações ideológicas, compreendidas, nos termos de Volóchinov (2018), como valores sociais materializados na linguagem, bem como as tensões e os silenciamentos que os atravessam. O sentido, assim, não é tomado como dado ou estável, mas como resultado de processos de interação social, nos quais diferentes posições valorativas se confrontam, mostrando que cada enunciado tanto expressa, quanto refrata disputas ideológicas que colaboram na formação dos sujeitos.

O sujeito enunciator é constituído nas relações sociais e nas condições históricas em que se insere, sendo atravessado por diferentes vozes e posições ideológicas que se manifestam em seu discurso. Sob esse ângulo, o enunciado passa a ser visto como resposta a enunciados anteriores e direcionado a respostas subsequentes, o que ressalta seu caráter intrinsecamente dialógico (Volóchinov, 2018).

Dessa forma, a palavra nunca é inteiramente própria, mas traz consigo a presença da palavra do outro, sendo apropriada, reformulada e ressignificada em diferentes

contextos de interação. Esse entrelaçamento indica que toda enunciação envolve a incorporação e a reelaboração de palavras alheias, que podem ser retomadas, deslocadas ou ressignificadas conforme as posições assumidas pelo sujeito. É nesse movimento que se configura o caráter bivocal do discurso, no qual se entrelaçam diferentes vozes e posições valorativas, revelando as tensões ideológicas que atravessam a produção de sentidos.

A análise proposta busca compreender como as ações de internacionalização da RFEPECT se inscrevem na dinâmica de formulação da agenda educacional, atentando para os modos pelos quais são significadas nos enunciados que circulam nesse contexto. Nesse movimento, a análise não parte de categorias previamente definidas, mas da identificação de regularidades que emergem do material, em diálogo com o referencial teórico adotado.

Observa-se, nesse sentido, que tais enunciados podem, em determinados momentos, associar a internacionalização à reprodução de assimetrias globais e à subordinação a orientações externas; em outros, ao reforço de dinâmicas hegemônicas de produção e circulação do conhecimento; e, ainda, à possibilidade de construção de práticas contra-hegemônicas, de diálogo intercultural crítico e de formação orientada à transformação social.

O relato de experiência analisado nesta pesquisa é compreendido como um enunciado concreto, uma vez que se constitui como uma produção verbal situada em determinada realidade social, com autoria e destinatário definidos. Conforme assinala Valentin Volóchinov (2018, p. 115), “a unidade real da comunicação verbal é o enunciado concreto, e não a oração, a palavra ou qualquer outra unidade linguística”. Nessa perspectiva, o enunciado é inseparável da situação social e das condições concretas de interlocução, o que implica analisar a linguagem em seu uso efetivo, considerando a interação social e a historicidade dos discursos.

No que se refere ao procedimento analítico, a investigação parte do enunciado concreto como unidade de análise, conforme proposto por Volóchinov (2018). A leitura do material orienta-se pela identificação de relações dialógicas que se manifestam na articulação entre diferentes vozes sociais, posições valorativas e condições de produção do discurso.

A análise privilegia a observação de regularidades enunciativas, tais como: modos de posicionamento do sujeito; formas de incorporação e refração de discursos institucionais e sociais; e tensões entre sentidos estabilizados e deslocamentos emergentes. Essas regularidades não são definidas a priori, mas construídas a partir da interação com o corpus, em um movimento interpretativo orientado pela perspectiva dialógica.

A análise assume o caráter situado da interpretação, reconhecendo que o gesto analítico também se insere em uma posição teórica e histórica, não sendo neutro em relação aos sentidos produzidos. É a partir desse enquadramento que se procede à análise do corpus, buscando compreender como, no enunciado em questão, se configuram tensões entre diferentes projetos de formação e modos de significar a internacionalização.

Discursos em disputa na narrativa de internacionalização

O corpus analisado é a narrativa “Estar longe me proporcionou grande amadurecimento”, publicada por uma estudante do CEFET-MG, a respeito de sua experiência de intercâmbio em Portugal, no qual são apresentadas suas vivências acadêmicas, culturais e pessoais. O material faz parte de uma coletânea de 82 textos, escritos por estudantes, egressos e servidores(as) da Rede Federal, que integraram a publicação *“Vozes da Internacionalização: narrativas de estudantes e servidores da educação profissional, científica e tecnológica”*.

A coletânea foi organizada pela Assessoria de Relações Internacionais e pelo Fórum de Gestores de Relações Internacionais (Forinter) do Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Conif), em comemoração aos 15 anos da Lei nº 11.892/2008 que cria os Institutos Federais e institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Ao situar esse enunciado em seu contexto de produção e circulação, considera-se que a narrativa não apenas relata uma experiência individual, mas se inscreve em um circuito discursivo mais amplo, no qual as diferentes vozes sobre a internacionalização entram em relação.

A produção das narrativas que compõem a coletânea está vinculada a um edital institucional¹ que orienta sua elaboração, estabelecendo diretrizes sobre os aspectos a serem abordados pelos participantes, tais como desafios enfrentados, aprendizados adquiridos e contribuições da experiência para a trajetória acadêmica e pessoal. Esse enquadramento indica que o relato não emerge de forma espontânea, mas se constitui em diálogo com expectativas previamente delineadas, que orientam os sentidos considerados legítimos para a internacionalização. Nesse contexto, o edital opera como uma instância de regulação discursiva, na medida em que delimita não apenas os temas a serem narrados, mas também os modos de significar a experiência, evidenciando a presença de uma voz institucional que atravessa e incide sobre a construção do enunciado.

Assim, os enunciados produzidos pela estudante são compreendidos como respostas a discursos anteriores sobre a internacionalização da educação, ao mesmo tempo em que se orientam para interlocutores potenciais, como a própria instituição e a comunidade acadêmica. Desse modo, o relato estabelece relações dialógicas com diferentes vozes – institucionais, acadêmicas e sociais – que atravessam a experiência narrada e participam da produção de sentidos sobre a internacionalização. Essa articulação indica que o discurso da estudante não se constitui de forma isolada, mas resulta de um processo de interlocução no qual se entrelaçam diferentes posições e expectativas, produzindo sentidos que ora reiteram, ora tensionam os discursos hegemônicos sobre a internacionalização da educação.

Como texto vinculado às suas condições de produção e circulação, o relato mobiliza elementos que dialogam diretamente com os critérios estabelecidos pelo edital que orienta sua elaboração. Ao afirmar “*Meu intercâmbio foi realizado no Instituto Politécnico da Guarda, na Guarda, em Portugal*” (Carmo, 2023, p. 8, grifo nosso), a estudante inscreve sua experiência em um circuito institucional de mobilidade, conferindo visibilidade à ação de internacionalização e situando-a em um espaço acadêmico reconhecido. Essa incorporação não se limita à menção informativa, mas revela um movimento de alinhamento aos sentidos valorizados no contexto de produção

¹ Edital Conif 09/2023, disponível em: <https://portal.conif.org.br/editais/2023/edital-9-selecao-de-textos-para-publicacao-vozes-da-internacionalizacao>.

da narrativa, ao mesmo tempo em que explicita uma forma específica de significar a internacionalização, centrada no papel institucional que viabiliza a mobilidade.

A análise do relato da estudante do CEFET-MG permite identificar relações dialógicas que se manifestam nas formas como a experiência é narrada, especialmente na maneira como a estudante articula expectativas, desafios e aprendizados ao longo de seu percurso. Esses movimentos enunciativos evidenciam processos de configuração subjetiva atravessados por tensões culturais, linguísticas, ideológicas e afetivas. Tais tensões se atualizam na relação com o outro, com o contexto de destino e com a própria experiência vivida.

Observa-se, nesse sentido, a presença de múltiplas vozes sociais que incidem sobre o enunciado, significando a internacionalização de modos distintos, revelando tensões que remetem a dinâmicas de hegemonia e contestação no campo educacional. Esses movimentos explicitam não apenas as condições materiais que estruturam a mobilidade acadêmica, vinculadas à distribuição desigual de recursos, oportunidades e capitais no sistema capitalista global, mas também os modos de posicionamento da estudante diante dessas condições, por meio da refração de discursos sociais diversos.

A narrativa dialoga com discursos oficiais da internacionalização amplamente difundidos sobre a internacionalização da educação, tais como mobilidade acadêmica, protagonismo estudantil e cooperação entre instituições. Ao fazê-lo, reforça, ainda que de forma não problematizada, uma compreensão de internacionalização associada ao deslocamento físico para outro país, especialmente, como neste caso, para um país do Norte Global, o que indica a presença de sentidos hegemônicos que orientam a experiência narrada.

Essa orientação torna-se particularmente visível quando a estudante, ao se dirigir a potenciais participantes de programas de mobilidade, explicita as exigências burocráticas envolvidas na experiência, como nos trechos em que destaca a necessidade de planejamento e organização para obtenção de documentos e vistos: *“Aqui, já aproveito para reforçar a importância de o aluno planejar e organizar, com antecedência, os processos de obtenção do visto e do passaporte [...]. Mesmo me antecipando para obter toda a documentação necessária, ainda tive problemas que precisaram de muita informação e diálogo para serem resolvidos”* (Carmo, 2023, p. 8, grifo nosso).

Ao narrar essas dificuldades, o enunciado tensiona a ideia de internacionalização como experiência amplamente acessível. Evidenciam-se, assim, as contradições do mundo globalizado. Embora a internacionalização se apresente como possibilidade de democratização de experiências formativas, na prática revela barreiras que afetam de maneira desigual os estudantes, sobretudo de países periféricos na divisão internacional do trabalho, evidenciando as determinações materiais que condicionam o acesso à mobilidade. Nesse ponto, a voz individual da estudante não apenas incorpora orientações institucionais, mas também as refrata, ao tornar visíveis os limites concretos que condicionam o acesso à experiência, produzindo um efeito de deslocamento em relação aos sentidos mais estabilizados da internacionalização.

A presença do outro atua como elemento que desloca os referenciais a partir dos quais a experiência é significada, permitindo à estudante reconfigurar sua percepção sobre si mesma e sobre seu país. Esse movimento torna-se visível quando afirma: *"Essa nova perspectiva me permitiu perceber meu país com outros olhos e refletir sobre o que poderíamos melhorar e o que já é muito bom"* (Carmo, 2023, p. 10, grifo nosso), indicando um processo de refração dos sentidos previamente atribuídos ao seu país, ancorado na experiência vivida.

Na relação com o outro, observa-se um processo de reconfiguração subjetiva que se constrói na interação e na troca de experiências, como expresso no trecho: *"Essa troca de experiências foi fantástica e tornou o intercâmbio uma experiência ainda mais rica na medida em que aprendi sobre o outro, seus costumes, seu idioma"* (Carmo, 2023, p. 10, grifo nosso). Nesse contexto, o outro não se apresenta como uma alteridade fixa, mas sim como uma instância envolvida na geração de novos sentidos, influenciando as formas de posicionamento da estudante. Esse movimento também se manifesta na forma como a experiência é narrada em situações de interação cotidiana, como no trecho *"as pessoas tentavam ajudar, mesmo que de maneira tímida e reservada, ora com informações ora com alguma gentileza"* (Carmo, 2023, p. 8, grifo nosso), apresentando a construção de sentidos sobre o outro a partir de práticas concretas de convivência.

A própria língua também opera como um outro, produzindo efeitos de estranhamento que incidem sobre a forma como a experiência é significada: *"o idioma... não me pareceu o mesmo no primeiro momento"; "na grafia era o mesmo, mas no ritmo*

falado era de outro mundo” (Carmo, 2023, p. 8, grifo nosso). Esses enunciados indicam que, embora se trate da mesma língua em termos formais, a diferença nos usos e nas sonoridades desloca os sentidos previamente estabilizados, exigindo da estudante um trabalho de interpretação e ajuste contínuo.

Nesse movimento, observa-se um deslocamento enunciativo entre dois “portugueses”. A estudante passa a reorganizar sua compreensão de linguagem e de mundo, como demonstra ao afirmar: *“Observei que muitas palavras são diferentes da língua brasileira: peneira do Brasil é peneiro [...] a casa de banho é o banheiro [...]”* (Carmo, 2023, p. 9, grifo nosso). Esse processo pode ser compreendido como uma refração, na medida em que o contato com o outro linguístico atravessa os sentidos anteriormente atribuídos à própria língua, produzindo deslocamentos nos modos de significar a experiência.

São múltiplas as vozes culturais e sociais que atravessam o discurso da estudante, não apenas na marcação de diferenças linguísticas, mas também na forma como determinados espaços são significados. Ao afirmar *“Nunca me senti tão segura quanto na Guarda, algo absurdo para mim, até então, já que nunca havia vivenciado este sentimento”* (Carmo, 2023, p. 10, grifo nosso), constrói-se uma imagem de Portugal como lugar seguro, acolhedor e historicamente rico, produzindo uma representação idealizada do contexto europeu.

Essa construção enunciativa mobiliza sentidos que dialogam com formações discursivas de caráter colonial, nas quais a Europa aparece como referência de cultura, tradição e civilização. O fascínio pelas “ruas de pedra” e pelas marcas do passado – *“Sentia-me muito bem caminhando nas ruas de pedra da Guarda, antiquíssimas, ficava sempre imaginando quantas carruagens haviam passado naquele local [...]”* (Carmo, 2023, p. 10, grifo nosso) – atualiza esse imaginário, evidenciando a presença de vozes históricas que atravessam a forma como o espaço é significado.

A centralidade da língua inglesa emerge de forma marcante na surpresa da estudante diante de sua necessidade em um país lusófono: *“[...] nunca imaginei em minha vida que precisaria tanto do inglês em um país de língua portuguesa”* (Carmo, 2023, p. 9, grifo nosso). Esse estranhamento manifesta o lugar do inglês como mediador global nas interações acadêmicas e sociais, revelando não apenas uma hierarquia linguística, mas

também relações de poder associadas à centralidade de determinados países na economia e na produção global do conhecimento. Nesse ponto, a voz da estudante se articula a sentidos amplamente difundidos que naturalizam o inglês como língua de prestígio, ao mesmo tempo em que torna visível a assimetria entre línguas e culturas no contexto da internacionalização.

O relato também atribui à experiência de intercâmbio um caráter formativo, associado ao amadurecimento, à independência e à reflexão sobre o país de origem: *“Estar longe também me proporcionou grande amadurecimento, crescimento pessoal e independência e não há preço que pague isso”* (Carmo, 2023, p. 10, grifo nosso). Nesse movimento, a mobilidade ultrapassa a dimensão instrumental e passa a ser significada como espaço de elaboração de sentidos sobre si e sobre o mundo. A palavra da estudante se constitui de forma bivocal, na medida em que ecoa vozes institucionais, familiares e culturais, ao mesmo tempo em que as refrata, atribuindo-lhes novos sentidos e reposicionando-se diante da experiência vivida. O amadurecimento, nesse contexto, não se reduz a uma dimensão individual, mas se vincula à vivência concreta de tensões culturais, institucionais e existenciais que atravessam a internacionalização.

A análise do relato permite compreender a internacionalização como um processo atravessado por tensões que se manifestam nos modos como a experiência é narrada e significada. Ao longo do enunciado, articulam-se vozes institucionais, sociais e individuais que produzem sentidos distintos sobre a mobilidade acadêmica, ora reiterando perspectivas hegemônicas, ora abrindo espaço para deslocamentos e reconfigurações. Nesse sentido, a experiência internacional não se reduz ao deslocamento geográfico, mas envolve processos de reposicionamento diante de si, do outro e do contexto de origem, evidenciando a emergência de uma formação crítica que se constrói na relação com a alteridade, com as condições materiais da mobilidade e com os limites que atravessam essa experiência.

A narrativa analisada revela, portanto, que a internacionalização, longe de constituir um fenômeno homogêneo, configura-se como espaço de produção de sentidos no qual se entrelaçam permanências e deslocamentos, permitindo compreender os modos pelos quais os sujeitos se constituem e se posicionam no mundo em contextos marcados por assimetrias globais.

Considerações finais

Este estudo mostra que os discursos sobre a internacionalização da educação, no âmbito da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, constituem-se como espaço de produção e disputa de sentidos, no qual diferentes vozes (institucionais, culturais e sociais) se articulam na configuração dos modos de significar a experiência e de posicionar os sujeitos.

A análise da narrativa examinada permite afirmar que a internacionalização não opera como um processo homogêneo de formação, nem como vetor automático de qualificação. Ao contrário, trata-se de um campo atravessado por condicionantes materiais, assimetrias globais e heranças históricas que se inscrevem nas dinâmicas do capitalismo contemporâneo, e delimitam, de forma desigual, as possibilidades de acesso, permanência e significação dessas experiências.

Nesse sentido, a experiência de mobilidade analisada pode ser compreendida como espaço de formação crítica na medida em que produz deslocamentos nos modos de significar o mundo, o outro e a si mesmo, especialmente quando tensiona sentidos hegemônicos associados à internacionalização, como aqueles vinculados ao prestígio, à centralidade do Norte Global e à neutralidade das experiências formativas. Contudo, tais deslocamentos não se realizam de forma linear ou garantida. Eles coexistem com movimentos de reiteração de sentidos estabilizados, evidenciando que a formação crítica (entendida como a capacidade de apreender as determinações históricas e sociais que estruturam a experiência e de se posicionar frente às relações de poder que sustentam essas dinâmicas), não é um resultado dado, mas um processo que se constrói nas tensões entre reprodução e deslocamento de sentidos.

Ao evidenciar essas dinâmicas, o artigo contribui para compreender a internacionalização como fenômeno simultaneamente social e enunciativo, reafirmando a potência da análise dialógica do discurso para a investigação dos processos de produção de sentidos e de formação de sujeitos. Nessa direção, a internacionalização na Rede Federal configura-se como um campo privilegiado para a análise das formas pelas quais sujeitos se constituem em contextos marcados por assimetrias globais e por

tensões entre racionalidades neoliberais, vinculadas à lógica de reprodução do capital, e perspectivas críticas voltadas à problematização dessas determinações.

Referências

ABREU, Lucenilda Sueli Mendes Cavalcante; SILVA JÚNIOR, Carlos Alberto Saldanha da; MORAES, Mary Ellen Costa. A internacionalização das políticas educacionais na formação docente: abordagens na produção da pós-graduação em educação na Amazônia Legal.

Revista Linhas, Florianópolis, v. 25, n. 58, p. 164-189, 2024. DOI:

10.5965/1984723825582024164. Disponível em:

<https://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/25928> . Acesso em: 18 jun. 2025.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

BRASIL. **Portaria CAPES nº 74, de 28 de março de 2025**. Institui o Programa Redes para Internacionalização Institucional – CAPES-Global.edu. Brasília, DF: Capes, 28 mar. 2025.

Disponível em: <https://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detalhar?idAtoAdmElastic=17766>. Acesso em: 15 set. 2025.

BRASIL. **Decreto nº 11.923, de 27 de março de 2024**. Dispõe sobre o Programa de Estudantes-Convênio. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 28 mar. 2024. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2024/decreto-11923-15-fevereiro-2024-795318-publicacaooriginal-171052-pe.html> . Acesso em: 15 set. 2025.

BRASIL. **Portaria CAPES nº 220, de 3 de novembro de 2017**. Dispõe sobre o Programa Institucional de Internacionalização (CAPES-PrInt). Brasília, DF: Brasília, DF: Capes, 6 nov. 2017. Disponível em:

<https://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detalhar?idAtoAdmElastic=156> . Acesso em: 15 set. 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 26 jun. 2014a. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm . Acesso em: 15 set. 2025.

BRASIL. **Portaria MEC nº 973, de 14 de novembro de 2014**. Institui o Programa Idiomas sem Fronteiras. Brasília, DF: MEC, 17 nov. 2014b. Disponível em:

https://isf.mec.gov.br/images/pdf/novembro/Portaria_973_Idiomas_sem_Fronteiras.pdf . Acesso em: 15 set. 2025.

BRASIL. **Decreto nº 7.642, de 13 de dezembro de 2011**. Institui o Programa Ciência sem Fronteiras. Brasília, DF: Presidência da República, 14 dez. 2011. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7642.htm . Acesso em: 15 set. 2025.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Brasília, DF: Presidência da República, 30 dez. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm. Acesso em: 15 set. 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm . Acesso em: 15 set. 2025.

CARMO, Ana Caroline Silva do. **Estar longe me proporcionou grande amadurecimento**. In: LEMOS, Rodrigo de Oliveira et al. (org.). **Vozes da internacionalização: narrativas de estudantes e servidores(as) da educação profissional, científica e tecnológica**. Blumenau: Editora IFC, 2023. p. 8-10. Disponível em: https://editora.ifc.edu.br/wp-content/uploads/sites/39/2023/11/Vozes-da-Internacionalizacao_E-book_21x297cm-1.pdf. Acesso em: 15 set. 2025.

DALE, Roger. Globalização e educação: demonstrando a existência de uma “agenda globalmente estruturada para a educação”. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 423-460, maio/ago. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/bJbBCJS5DvngSvwz9hngDXK/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 15 set. 2025.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

FIORENTINI, Mateus. Resenha: teoria das relações internacionais: contribuições marxistas. **Princípios**, São Paulo, n. 163, p. 319-329, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/principios.2675-6609.2022.163.013>. Acesso em: 24 maio 2025.

GALLO, Silvio; CARVALHO, Alexandre Filordi de. Do currículo como máquina de subjetivação contrarredundante. **Revista Imagens da Educação**, [Campinas], v. 13, n. 3, p. 111-133, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/65613>. Acesso em: 1 jan. 2025.

KWET, Michael. **Digital colonialism**: the evolution of US empire. [S. l.]: TGI Longreads, 2021. Disponível em: <https://longreads.tni.org/digital-colonialism-the-evolution-of-us-empire>. Acesso em: 5 abr. 2021.

LIPPOLD, Wallace; FAUSTINO, Diego. Colonialismo digital, racismo e acumulação primitiva de dados. **Germinal: marxismo e educação em debate**, [Salvador], v. 14, n. 2, p. 56-78, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/49760>. Acesso em: 24 maio 2025.

ROSA, Ana Claudia Ferreira; RODRIGUES, Glenda Carolina Meireles da Costa; ABREU, Lucenilda Sueli Mendes Cavalcante. O protagonismo dos organismos internacionais na definição de forma e conteúdo do currículo da formação docente. In: MAUÉS, Olgaíses Cabral; CAMARGO, Arlete Maria Monte; CABRAL, Maria da Conceição Rosa (orgs.). **Políticas educacionais no contexto da internacionalização**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022. p. 53-86.

SOUZA, Ângelo Ricardo de. A teoria da agenda globalmente estruturada para a educação e sua apropriação pela pesquisa em políticas educacionais. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação - Periódico científico editado pela ANPAE**, [s. l.], v. 32, n. 2, p. 463-485, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/63947>. Acesso em: 1 set. 2025.

TAUCHEN, Gionara; TERAN BRICEÑO, Juan Carlos; SIMÕES BORGES, Daniele. Internacionalização da educação superior: redes sociais e preocupações emergentes. **Educação**, [s. l.], v. 46, n. 1, e44654, 2023. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/44654>. Acesso em: 2 set. 2025.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

WOLDEGIORGIS, Emnet Tadesse. The impact of neo-liberal frameworks on student mobility and internationalisation in African higher education. **South African Journal of Higher Education**, Stellenbosch, v. 38, n. 6, p. 290-309, nov. 2024. Disponível em: <https://www.journals.ac.za/sajhe/article/view/5971>. Acesso em: 21 jun. 2025.

Recebido em: 17/09/2025
Revisões requeridas: 10/04/2026
Aprovado em: 23/04/2026

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE
Revista Linhas
Volume 27 - Número 64 - Ano 2026
revistalinhas.faed@udesc.br